

# O Paraná diante do Comércio Exterior: uma compreensão mediada pela Divisão Internacional do Trabalho (DIT) (2000-2022)

*Paraná Facing Foreign Trade: an understanding mediated by the International Division of Labor (DIT) (2000-2022)*

*El Paraná frente al Comercio Exterior: una comprensión mediada por la División Internacional Del Trabajo (DIT) (2000-2022)*

---

Valdeir Oliveira Prestes\*  
Luis Claudio Krajevski\*\*  
Wesley Sousa\*\*\*

---

## RESUMO

O objetivo geral deste estudo foi analisar as condições da balança comercial paranaense, por meio do comércio exterior, entre os anos de 2000 e 2022. Para isso, optou-se pela metodologia de revisão bibliográfica e documental. Nos breves achados, especificamente mediante a abertura de mercados externos para empresas locais, constatou-se a elevação da demanda por produtos e serviços. Ademais, a forte fragmentação da Divisão Internacional do Trabalho, intermediada pelo circuito produtivo de valor, e a integração da base produtiva criaram estreita relação entre as empresas locais e as condicionantes internacionais. Desta forma, circuitos produtivos e lugares específicos são altamente integrados em âmbito internacional, gerando diferenças relativas entre as empresas que participam do mercado mundial. Com um foco na balança comercial, vemos como o circuito espacial produtivo afeta a economia regional, mas, neste processo, despontam contradições inerentes ao desenvolvimento socioeconômico paranaense.

*Palavras-chave: Comércio Exterior. Divisão Internacional do Trabalho. Economia paranaense. Integração produtiva. Paraná.*

---

\* Mestre em Geografia, na área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano, pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (bolsista CNPq). Economista pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Paraná, Brasil. Doutorando em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil (bolsista CAPES).  
E-mail: v289245@dac.unicamp.br

\*\* Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil; com estágio (doutorado sanduíche - Programas Estratégicos - DRI - Capes) na Universidade da Beira Interior (UBI) em Covilhã, Portugal. Mestre em Desenvolvimento Econômico, e Economista, ambos pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. Professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.  
E-mail: luisck@ufpr.br

\*\*\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (Bolsista CAPES). Filósofo pela Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. Doutorando em Filosofia, pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil (Bolsista FAPEMIG).  
E-mail: wesleysousa666@outlook.com

Artigo recebido em maio/2024 e aceito para publicação em junho/2025.

## ABSTRACT

The general objective of this study was to analyze the conditions of the trade balance in Paraná, through foreign trade, between the years 2000 and 2022. Methodologically, a bibliographic and documentary review approach was adopted. The results revealed that the opening of external markets for local enterprises corresponded to heightened demand for products and services. Moreover, the pronounced fragmentation within the international division of labor, as mediated by the productive value circuit, has fostered a symbiotic relationship between local enterprises and global economic conditions. In this manner, production circuits and specific locales are deeply interconnected on an international scale, engendering relative differentials among companies engaged in the global market. With a focus on the trade balance, we see how the productive spatial circuit affects the regional economy, but in this process, there are contradictions inherent to the socioeconomic development of Paraná.

Keywords: Foreign Trade. International Division of Labor. Paraná economy. Productive integration. Paraná.

## RESUMEN

El objetivo general de este estudio fue analizar las condiciones de la balanza comercial de Paraná, a través del comercio exterior, entre los años 2000 y 2022. Para lograrlo, se optó por la metodología de revisión documental y bibliográfica. En consideraciones finales, la fuerte fragmentación de la división internacional del trabajo, mediada por el circuito productivo del valor y la integración de la base productiva crearon estrecha relación entre las empresas locales y limitaciones internacionales. Así, los circuitos de producción y lugares específicos están altamente integrados a nivel internacional, generando diferencias relativas entre las empresas que operan en la estructura del mercado global. Con un enfoque en la balanza comercial, vemos cómo el circuito espacial productivo afecta a la economía regional, pero en este proceso surgen contradicciones inherentes al desarrollo socioeconómico paranaense.

Palabras clave: Comercio Exterior. División Internacional del Trabajo. Economía paranaense. Integración productiva. Paraná.

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no início do século XXI modificaram substancialmente o comércio exterior brasileiro e a economia paranaense. Entre elas, destacam-se a implementação da zona do euro, em 2001, a sobrevalorização e posterior desvalorização do dólar, o novo acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o aprofundamento da crise econômica argentina, a alteração na carga tributária brasileira, entre outras (MENEZES, 2010). Em 2008, eclodiria a crise do mercado de hipotecas imobiliárias nos Estados Unidos, não somente afetando o setor imobiliário, mas também resultando em profunda crise econômica mundial. A recuperação das economias nacionais foi lenta e heterogênea, com efeitos distintos entre os países e regiões. Recentemente, a desaceleração da economia mundial, a partir de 2019, e o surgimento da crise pandêmica, em 2020, resultaram em novas alterações no comércio internacional.

Segundo o MDIC (BRASIL, 2024), em 2022 as exportações brasileiras apresentaram variação percentual de 19% em relação a 2021, com maior representação de bens intermediários, que corresponderam a 65,6% dessa alteração. Por sua vez, as importações variaram 24,2%, com destaque para a indústria de transformação (representando 89%). Especificamente a respeito do Paraná, em valores absolutos, o estado exportou US\$ 22,4 bilhões em 2022, representando 22,1% do total exportado pelo país.

Esses breves registros estão atrelados à própria formação do comércio internacional (RANGEL, 2005). A partir da década de 1970, com a aceleração dos processos de internacionalização do capital, configura-se o atual comércio exterior, sob nova forma-conteúdo na lógica capitalista. Acompanhado do desenvolvimento da infraestrutura e da tecnologia da comunicação e informação, a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) introduziu novos arranjos aos comércios e lugares, resultando em relativa dependência no processo de mundialização do capital (POCHMANN, 2002). Tais transformações no sistema capitalista mundial decorrem da revolução tecnológica em vários âmbitos, sobretudo na informática e nas telecomunicações (SCHAFF; 1993; COUTINHO, CASSIOLATO; SILVA, 1995).

Essa “nova” conformação da DIT corresponde a uma especialização das atividades econômicas entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos (nas habituais leituras da divisão do sistema centro-periferia), mas de forma não dualista. Segundo Pochmann (2002), no curso da atual DIT, recentes conceitos são introduzidos com objetivo de diagnosticar as novidades na era digital que interferem no cotidiano da população, como nova economia, sociedade do conhecimento, economia digital, entre outros.

Diante da concorrência e da cooperação do capital mediado pelo comércio internacional, a desigualdade do trabalho no Brasil e em distintas regiões foi

afetada. Isso decorre da reprodução do capital, via circulação de mercadorias. Essa interpretação cabe ao comércio exterior paranaense, no qual a produção realizada está inserida e que cumpre a função de articular a economia regional à estrutura do circuito produtivo. Ademais, esse comércio está mais integrado globalmente e, portanto, conformada na DIT, tanto no fornecimento da força de mão de obra quanto na utilização de insumos para criação de produtos. Mas qual seria a participação da economia paranaense nesse contexto?

O objetivo geral deste artigo é analisar as condições da balança comercial paranaense entre os anos de 2000 e 2022. Os objetivos específicos são: a) discutir a evolução dos ciclos da Divisão Internacional do Trabalho (DIT); e b) entender sua relação com o comércio exterior do Paraná. Considerando a interconexão dos circuitos produtivos capitalistas com o comércio exterior e as cadeias globais de valor, é relevante examinar a inserção do Paraná no comércio exterior e sua participação no atual ciclo da DIT.

Estruturalmente, este estudo está dividido em cinco seções, iniciando por esta breve introdução. A seguir, discutem-se os marcos conceituais que fornecem base teórica para o entendimento da evolução das ondas da Divisão Internacional do Trabalho (DIT). Logo após, na terceira seção, identificam-se os procedimentos metodológicos desta pesquisa, bem como a abordagem empregada. Posteriormente, são exibidos os resultados da investigação com as respectivas análises. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

## 2 ABORDAGEM TEÓRICA: AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NA EVOLUÇÃO DA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

Na investigação histórica do processo produtivo, Marx indica que as riquezas expropriadas de forma violenta das colônias afluíam em direção às metrópoles para, então, converter-se em capital (LEITE, 2014). É possível constatar que ocorre processo similar nos eventos e fenômenos atuais. Isso pode ser observado nos elos dos circuitos produtivos, que são modificados e controlados pelas empresas transnacionais, especialmente nos países denominados de terceiro mundo ou, em leituras recentes, de países periféricos. Afinal, como afirmou Marx (2011), graças à cooperação, o objeto do trabalho circula com maior rapidez entre os múltiplos processos produtivos, pois estende-se ao âmbito espacial do trabalho, no qual se concentram os meios de produção (leia-se: forças produtivas).

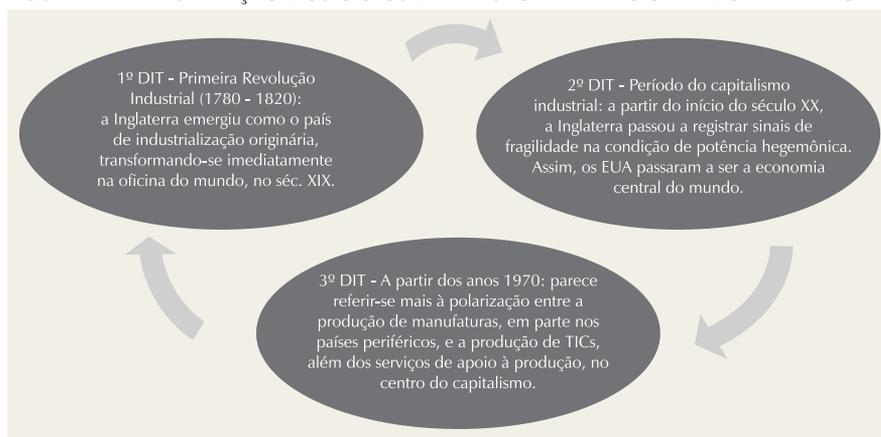
Nessa perspectiva, desde a atuação local no país de origem até o contexto global da internacionalização, a empresa transnacional é resultado da fragmentação do processo produtivo, em que as multinacionais expandiram as fronteiras como resultado do desenvolvimento dos transportes e das comunicações, sobretudo, a partir da Terceira Revolução Industrial. Na década de 1980 as empresas eram pressionadas

a praticar eficiência, multinacionalidade, redução de custos e difusão de novas tecnologias (BARTLETT; GHOSHAL, 1998).

As alterações da organização produtiva internacional na evolução histórica do capitalismo produziram, nos últimos dois séculos, assimetrias na divisão desigual entre partes do capital e do trabalho, a partir dos resultados da produção (SARTI; HIRATUKA, 2017). Apesar de encontrar-se subordinada ao desenvolvimento das atividades produtivas, a capacidade de absorver maior ou menor quantidade de trabalhadores não depende exclusivamente do grau de expansão de cada país, mas do padrão de desenvolvimento econômico nacional (POCHMANN, 2012).

O capitalismo desperta espécies de ciclos sistêmicos, os quais vêm surgindo nas aparências, à vista *imediate*, ao longo do tempo histórico. Nesse sentido, representativamente, a linha do tempo contempla processos de continuidades e descontinuidades, permanências e rupturas, que perpassam os fazeres históricos (FERREIRA; MARQUES, 2012). Para melhor visualização da evolução, a Figura 1 apresenta os marcos históricos dos três ciclos da DIT.

FIGURA 1 - REPRESENTAÇÃO DOS CICLOS DA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO



FONTE: Pochmann (2012)

NOTA: Elaboração dos autores

Entre o primeiro e o segundo ciclo da DIT e diante da estruturação dos circuitos produtivos na primeira Revolução Industrial (1780-1820), impôs-se a separação do espaço geográfico. Noutros termos, a Grã-Bretanha, país de industrialização originária (segundo Marx, onde o capitalismo despontou), consolidava a posição de principal potência marítima, dominando os principais mercados além-mar. Com o desenvolvimento do sistema colonial e a expansão do comércio transcontinental, plasmou-se esse período da DIT, no qual o país se especializava na produção manufatureira, e parceiros e colônias se dedicavam à produção primária (PRONI, 1997).

Após a fase de investimentos na modernização dos transportes (1848-1873), a qual permitiu o barateamento de custos, deu-se novo impulso à DIT (MAMIGONIAN, 1999). Contudo, de acordo com Pochmann (2012), a partir do início do século XX, a Inglaterra passou a registrar sinais de fragilidade na condição de potência hegemônica. Os Estados Unidos, ainda que fossem atingidos pela crise de 1929, acabaram se tornando a principal economia capitalista. Essa posição hegemônica seria consolidada depois do fim da Segunda Guerra Mundial. A partir de então, o capitalismo viveria a era de melhores resultados – intitulada como Era de Ouro (1945-1971).

Todavia, ao longo dos anos de 1970, o estado de bem-estar social apresentaria limites, o que levaria a profundas alterações na economia mundial. A partir desta década, ocorreu uma modificação substancial na DIT, iniciando o terceiro ciclo. Este decorre especialmente de dois vetores estruturais no centro do capitalismo mundial, a saber: a intensificação tecnológica (acoplada na forma de discurso neoliberal e simbolizada nas tecnologias de informação e comunicação) e a polarização da produção no subespaço dos países do globo. Na investigação de Leda Paulani (2008), ela afirma, nesse contexto de dependência:

E, finalmente, de 1973 até hoje, viveríamos sob a chamada dependência desejada, na qual os governos de todos os países, sem exceção, passaram a depender crescentemente do fluxo de capitais financeiros. Um período no qual a América Latina, ao longo da década de 1980, assistiu ao abandono do desenvolvimentismo, à abertura do mercado interno para as importações e à entrada incondicional dos capitais estrangeiros (PAULANI, 2008, p. 80).

Tais transformações evidentemente afetariam a economia brasileira, especialmente com o influxo massivo de entrada de capitais por meio dos Investimentos Diretos Externos (IDE), intensificados na década de 1990. Nesse contexto, surgem distintas perspectivas sobre as possibilidades de desenvolvimento e diferenciação da estrutura produtiva nas regiões brasileiras. Conforme Coutinho (CONJUNTURA..., 2021), as mudanças estruturais em curso colocaram: a) aceleração da revolução digital em função da continuidade da conexão à internet a partir das tecnologias da informação e comunicação (TICs); b) mudanças climáticas e suas consequências e; c) sequelas sociais provocadas da crise pandêmica (Covid-19).

No tocante ao comércio exterior brasileiro, entre 1990 e 1994, houve instabilidade no saldo da balança comercial e na conta corrente. Esta última passou de aproximadamente US\$ 52 bilhões em 1990 para 76 bilhões em 1994 (BRASIL, 2024). Cabe destacar que, entre 1993 e 1994, era formulado e implementado o Plano Real. Entre os anos de 1995 e 2000, o saldo comercial permaneceu negativo, variando de aproximadamente US\$ 3 bilhões (1995) até US\$ 1 bilhão (2000). No período entre 1990 e 2002, a abrupta abertura financeira e comercial expôs a indústria brasileira à competição desigual, proporcionada pela internacionalização e pela destruição das cadeias produtivas de setores estratégicos (FAGNANI, 2017).

Quanto à classificação da economia, na indústria de transformação houve perda de participação nas exportações e aumento nas importações. Em 2000, a indústria da transformação representava 83,02% do total das exportações enquanto, em 2022, essa participação caiu para 54,28%. Nas importações, passou de 86,14% em 2000, para 88,96% em 2022 (BRASIL, 2024). É importante notar também que a partir de 2002, com o crescimento da economia mundial, a região voltou a experimentar uma fase exportadora. Segundo Paulani, “[...] em janeiro de 2003, o governo Lula [estava] praticando uma política econômica de inclinação inequivocamente liberal, confirmando o que muitos esperavam, alguns com angústia, outros com alívio” (PAULANI, 2008, p. 15).

Diante dessa circunstância, realçam-se as características do atual (quarto) ciclo da DIT. Nesse sentido, destaca-se a produção do capital, gravitando em torno da China, tanto no consumo e na distribuição, quanto na circulação das exportações e importações. No acordo bilateral com o Brasil, a balança comercial em relação ao ano de 2022, apresentou aumento de 28%, totalizando US\$ 29 bilhões no resultado final com o país asiático (BRASIL, 2024).

Nesse intercâmbio comercial-econômico-político, a China mantém relações econômicas com quatorze estados brasileiros, incluindo o Paraná. Teorizando, segundo Valle (2023, p. 102-103):

[...] La división internacional del trabajo y la producción segmentada, que especializa los territorios, conllevan otra segmentación paralela en las características y dinamismo de los mercados regionales y locales de trabajo, lo que conlleva diferencias territoriales significativas.

Em suma, foram elencados aqui alguns aspectos referentes à DIT e aos seus três ciclos, sem ignorar nuances possíveis ou a dinâmica interna vivida pelo Brasil, dos governos FHC ao último governo Bolsonaro (até 31 de dezembro de 2022). O quarto ciclo da DIT, ainda em consolidação, é marcado pela relevância econômica da China e de sua diversificação produtiva em grande escala, considerando aspectos históricos e perspectivas temporais e espaciais. Assim, o tempo de análise deste estudo enfatiza o terceiro ciclo da DIT, incluindo percepções do ciclo atual.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo parte de uma apreensão ampliada do conceito e da categoria analítica, necessária no constructo desta pesquisa. Segundo Silva (2009), as abordagens dialéticas buscam compreender o contexto, com ênfase na temporalidade e na historicidade, para explicar a natureza das ações do fenômeno e do evento. A realidade, neste diapasão, constitui-se como um movimento tal que, em cada modo de ser, as mudanças na ordem causal são determinadas pela estrutura de um modo

de produção. Assim sendo, a abordagem dialética trata as contradições internas e externas da estrutura do objeto específico de estudo e investigação; no caso, a análise da balança comercial paranaense, por meio do comércio exterior, entre os anos de 2000 e 2022.

Essa análise utilizou as técnicas bibliográfica e documental para dados sobre a realidade em estudo. A revisão bibliográfica sustentou o artigo e aprofundou o objetivo central, enquanto a técnica documental proporcionou acesso a dados secundários sobre o tema. O trabalho examina, analisa e compara informações sobre o comércio exterior paranaense, especialmente a balança comercial, com base no conceito analítico de DIT. A abordagem teórica e metodológica considera as dinâmicas internas do circuito econômico paranaense dentro da mundialização do mercado capitalista e sua relação com a balança comercial.

Para o levantamento documental e a coleta de dados estatísticos, a pesquisa buscou aproximar uma abordagem estrutural da dinâmica internacional, utilizando fontes oficiais brasileiras, como o Comex Stat. Essa base permite consultar e extrair dados sobre o comércio exterior, incluindo informações específicas do Paraná. Mensalmente, são divulgados dados detalhados de exportações e importações brasileiras e das demais unidades da federação, provenientes do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) e da Secretaria do Comércio Exterior. Além disso, para a classificação dos produtos por fator agregado da balança comercial paranaense, foi adotada a metodologia da Classificação Industrial Padrão Internacional (ISIC), também vinculada ao MDIC.

No procedimento teórico-metodológico destaca-se que as informações estatísticas utilizadas compreendem recorte espacial, como *meio* particular, sendo este a região Paraná, “[...] pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS, 1977, p. 10). De acordo com Luz e Ummus (2021), por exemplo, as análises espaciais, quando aplicadas à realidade socioeconômica de determinada região, produzem informações essenciais para a gestão e o planejamento regional.

O estudo assentou-se em um recorte temporal compreendido entre os anos de 2000 e 2022, período marcado pela sucessão de momentos contraditórios que, em sua totalização, conformam uma unidade concreta de análise histórica. Assim, a metodologia para realização da proposta de pesquisa transformar-se-á em exploratória e analítica, partindo sobretudo da base da balança comercial do Paraná. As abordagens empíricas apresentam em comum a utilização de técnicas de coleta, tratamento e análise de dados marcadamente qualitativos.

#### 4 AS TRANSFORMAÇÕES DA BALANÇA COMERCIAL DO PARANÁ NA TEMPORALIDADE DOS ANOS 2000-2022

Nesta seção, analisa-se o comércio exterior paranaense por meio da balança comercial, no período 2000 a 2022. Além do recorte temporal, de modo a localizar o recorte espacial da pesquisa, a Figura 2 mostra a representação espacial percebida da localização geográfica do Paraná nas circunstâncias do Brasil e do Globo.

FIGURA 2 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO PARANÁ NO BRASIL/GLOBAL



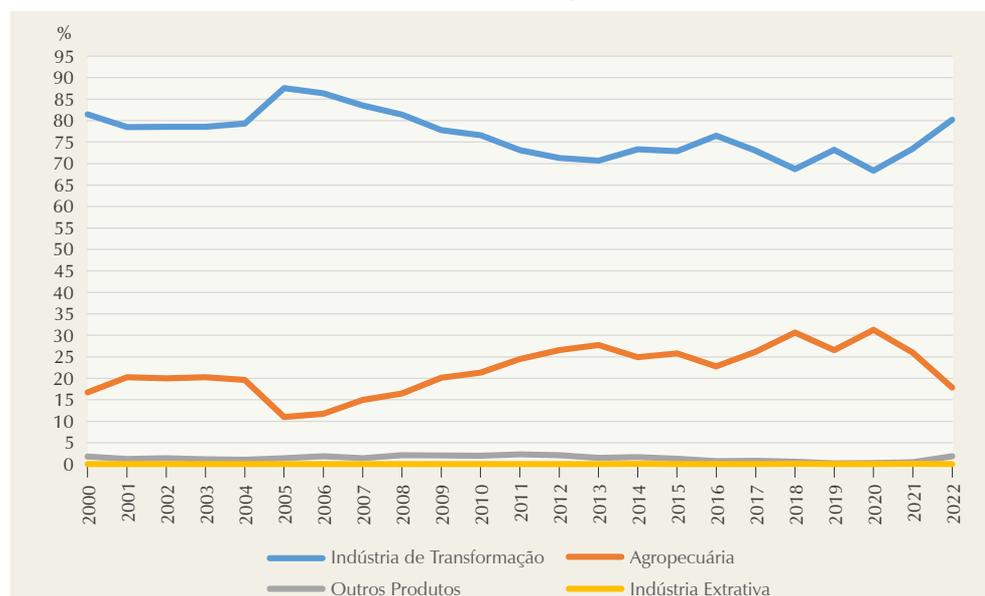
FONTE: IBGE (2024)

NOTA: Elaboração dos autores.

Sob a perspectiva das atividades econômicas e com a intenção de desvendar a articulação dos circuitos espaciais produtivos, o conteúdo tecnológico e a criação do mais-valor, apresenta-se o Gráfico 1. São exibidos dados referentes ao fator agregado no processo da produção do capital, fragmentado em agropecuária, indústria extrativa, indústria de transformação e outros produtos na participação percentual do total da exportação paranaense. O gráfico mostra ainda como os agregados econômicos se interconectam na estrutura da balança comercial paranaense, intermediados pelas e nas exportações.

Com relação aos anos 2000, a representação total das exportações se distribui da seguinte forma: 16,41% referentes à agropecuária; 81,35%, a produtos ligados à indústria da transformação; 2,22%, a produtos da indústria extrativa; e o restante, a outros produtos (0,02%) (BRASIL, 2024).

GRÁFICO 1 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES POR FATOR AGREGADO: AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA EXTRATIVA, INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E OUTROS PRODUTOS - 2000-2022



FONTE: Brasil (2024)

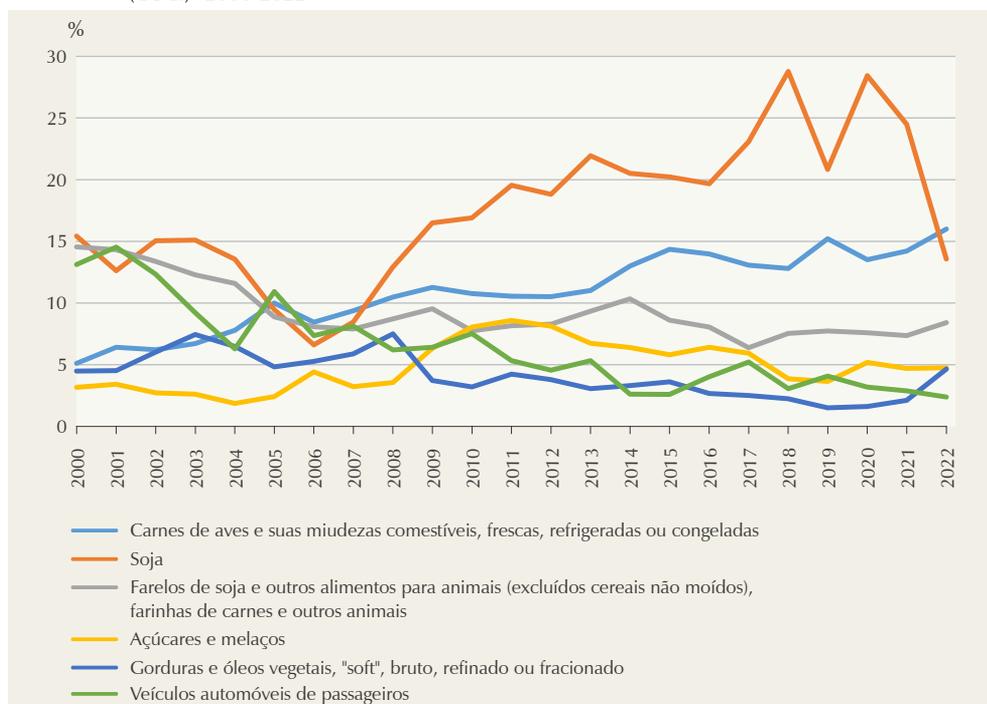
NOTA: Elaboração dos autores.

Quando considerado o acumulado da série temporal, nota-se que sobressaem os produtos básicos interligados à agropecuária, comumente representados pela produção do agronegócio interno paranaense, ao mesmo tempo que a indústria de transformação retoma o crescimento no ano de 2020 e fecha o ano de 2022 com 80,22% do total das exportações paranaenses.

Os principais produtos das exportações paranaenses que sobressaem na série histórica (de 2000 a 2022) são carnes de aves e suas miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas; soja; farelos de soja e outros alimentos para animais (excluídos cereais não moídos, farinhas de carnes e outros animais); açúcares e melações; gorduras e óleos vegetais, "soft", bruto, refinado ou fracionado; e veículos automóbéis de passageiros, conforme representa o Gráfico 2.

Diante do contexto de reprimarização brasileira, o Gráfico 2 revela os seis principais produtos da exportação paranaense ao longo destes 22 anos. Nota-se que a carne e a soja despontam na base das exportações, sendo produtos ligados à agropecuária interna. Em 2018, houve um pico na série temporal, com a soja representando 29% das exportações do Paraná. Contudo, houve uma queda para 21% em 2019, e esse valor diminuiu até chegar a 14% em 2022, enquanto a carne começou a ganhar mercado externo nesse momento.

GRÁFICO 2 - PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DAS EXPORTAÇÕES DO PARANÁ NA BALANÇA COMERCIAL CONFORME A CLASSIFICAÇÃO UNIFORME DO COMÉRCIO INTERNACIONAL (CUCI) - 2000-2022



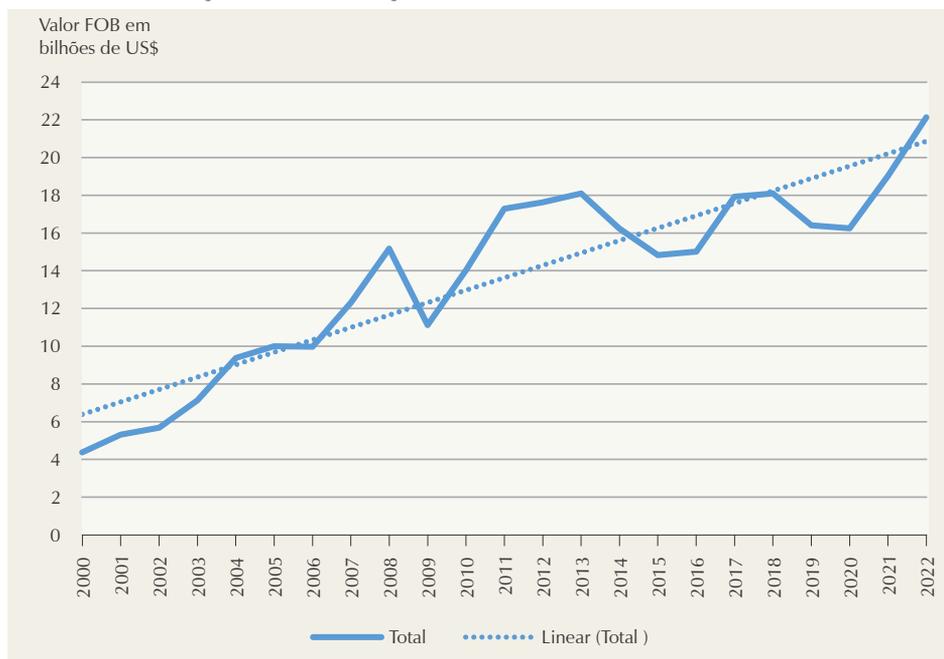
FONTE: Brasil (2024)

NOTA: Elaboração dos autores.

A fim de comparar os dados, no Gráfico 3, exibe-se a evolução histórica do total das exportações paranaenses entre os anos de 2000 e 2022. Manifesta-se que, entre 2000 e 2008, houve ascensão nas exportações totais, que saíram de aproximadamente US\$ 5 bilhões para US\$ 15 bilhões em 2008. A crise mundial de 2008, bem como outros fatores políticos, atinge o Paraná após 2009, sobretudo na indústria da transformação (cf. Gráfico 1).

Em 2016, observa-se expansão significativa da exportação do Paraná, atingindo o montante de aproximadamente US\$ 15 bilhões. Aliás, o ano de 2016 foi bastante atípico, considerando as turbulências provocadas pelas forças políticas e econômicas brasileiras, que resultaram no golpe político-institucional (por meio do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff). Contudo, segundo as Contas Nacionais (IBGE, 2018), a queda no Produto Interno Bruto (PIB) foi da ordem de 3,3% em 2016. Contudo, houve *boom* das exportações paranaenses em produto básico, quando considerado o acúmulo da série temporal.

GRÁFICO 3 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO PARANÁ - 2000-2022



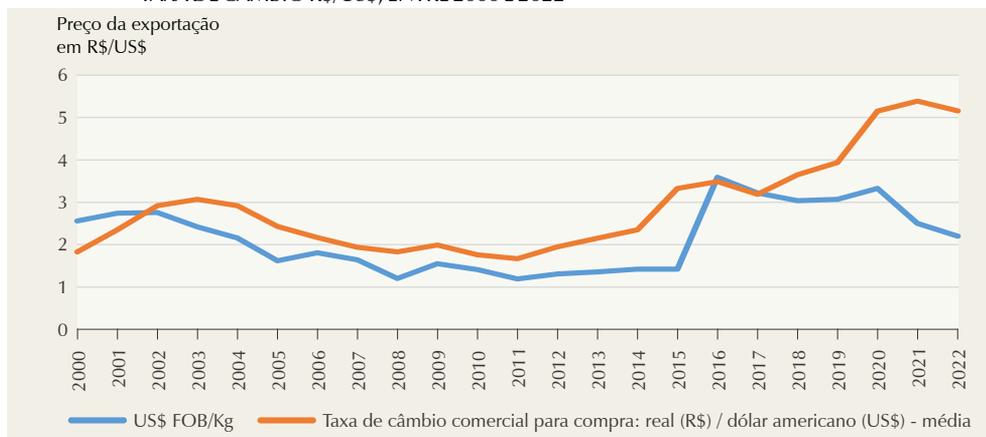
FONTE: Brasil (2024)

NOTA: Elaboração dos autores.

Acrescenta-se que, no envolvimento do valor de troca das exportações entre países – isto é, na equivalência entre mercadorias e moedas distintas –, este é expresso por meio da taxa de câmbio, na qual o preço de uso do produto é pago pela moeda da economia interna. No tocante à taxa de câmbio, Rangel (2005) alerta que, por meio do controle cambial, o Estado pode inibir a entrada no país de certos bens que podem ser produzidos internamente, promovendo uma política de substituição de importações, contribuindo para o desenvolvimento da indústria nacional. Nesse rumo, o Gráfico 4 exibe a evolução do preço das exportações paranaenses em relação à taxa de câmbio entre a moeda nacional e a principal moeda do comércio internacional.

Conforme a representação gráfica, observa-se que os preços das exportações de US\$ 2,50 por FOB/Kg, em 2000, para US\$ 5,55 FOB/Kg, em 2022. Em 2015, ocorreu um boom das exportações do Paraná, acompanhado de um movimento de alta na taxa de câmbio, cuja média anual chegou a superar US\$ 3,59 em condicionados momentos, ainda que a taxa de câmbio tenha se mantido em US\$ 3,49. No ano seguinte (2016), a taxa de câmbio comercial ficou abaixo do preço das exportações, mantendo-se assim até 2017. Em 2018, houve valorização da taxa de câmbio, enquanto ocorreu uma abrupta queda nas exportações.

GRÁFICO 4 - EVOLUÇÃO DO PREÇO DAS EXPORTAÇÕES DO PARANÁ EM US\$ FOB/KG, EM RELAÇÃO À TAXA DE CÂMBIO R\$/US\$, ENTRE 2000 E 2022



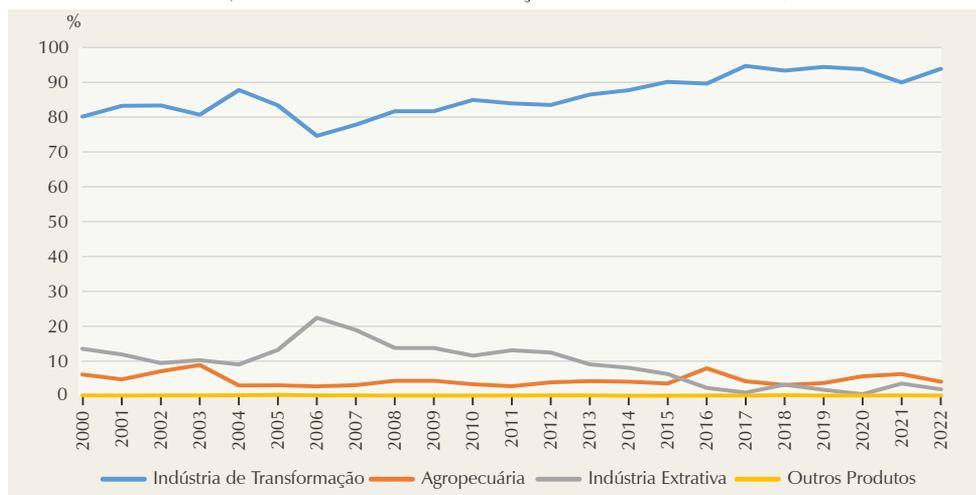
FONTE: Brasil (2024), Ipea (2024)

NOTA: Elaboração dos autores.

As mercadorias paranaenses são influenciadas pela taxa cambial brasileira, com o aumento da taxa levando à elevação das exportações. Contudo, em anos atípicos como 2000, 2001 e 2017-2021, a alta da taxa de câmbio coincidiu com a queda das exportações, evidenciando a relevância das *commodities* e dos produtos intensivos em tecnologia para a economia paranaense.

Quanto às importações, o ritmo das importações de produtos da indústria de transformação, entre 2000 e 2006, saiu de 80,16% e chegou a 74,64%. As importações voltam a ascender a partir de 2007, conforme Gráfico 5.

GRÁFICO 5 - IMPORTAÇÕES PARANAENSES SEGUNDO FATOR AGREGADO (AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA EXTRATIVA, INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO E OUTROS PRODUTOS) - 2000-2022



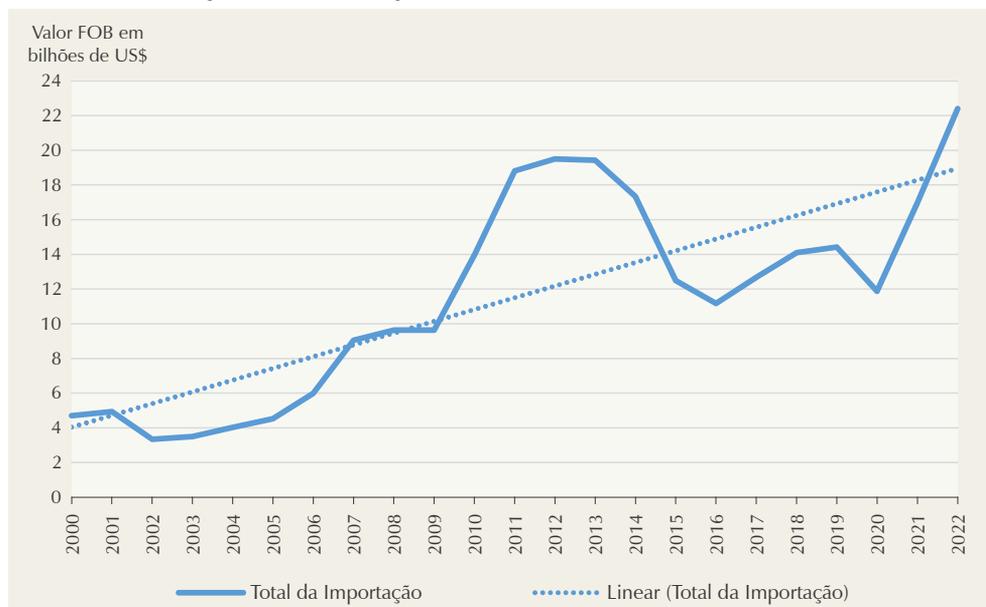
FONTE: Brasil (2024)

NOTA: Elaboração dos autores.

O movimento da indústria e da pecuária é inverso ao da indústria de transformação, tanto em estrutura quanto em dinâmica, por exemplo. A indústria extrativa aumenta suas exportações em momentos em que se reduzem as importações de produtos transformados, com o pico em 2006, em 22,42%, enquanto a agropecuária supera a indústria extrativa após 2006, mantendo-se em oscilações até o final da série histórica analisada (2022).

A evolução das importações totais do Paraná teve seu primeiro *boom* durante a crise do mercado imobiliário estadunidense em 2007-2008 (crise do *subprime*). Em 2008, o estado importou cerca de US\$ 129 bilhões, representando 8,24% do total das importações brasileiras (BRASIL, 2024). O Gráfico 6 destaca as oscilações das importações entre 2000 e 2022, com pico especialmente entre 2009 e 2016, evidenciado pela linha de tendência no gráfico.

GRÁFICO 6 - EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DO PARANÁ - 2000-2022

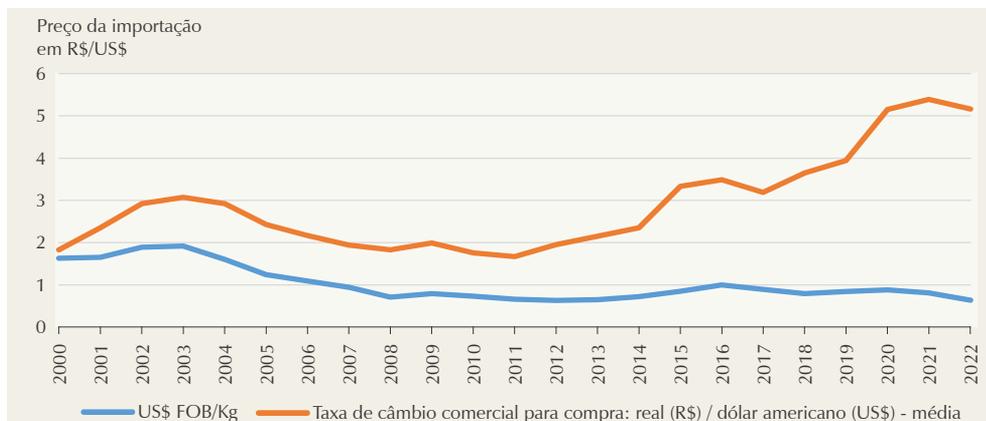


FONTE: Brasil (2024)

NOTA: Elaboração dos autores.

Entre 2015 e 2021 ocorreu efeito contrário, no qual o valor total das importações medido por dólares ficou abaixo da linha tendência da temporalidade analisada. Diante do considerado até aqui, pode-se pensar que essa valorização interna da mercadoria ocorreu por combinações de políticas monetárias, que ocasionaram a valorização do preço, ancorando-se no câmbio, com o objetivo de controlar a inflação. Nesse momento, a taxa de câmbio exerce papel ativo na evolução do preço das importações, conforme a comparação que consta no Gráfico 7.

GRÁFICO 7 - EVOLUÇÃO DO PREÇO DAS IMPORTAÇÕES DO PARANÁ - EM US\$ FOB/KG, EM RELAÇÃO À TAXA DE CÂMBIO R\$/US\$, ENTRE 2000 E 2022



FONTE: Brasil (2024)

NOTA: Elaboração dos autores.

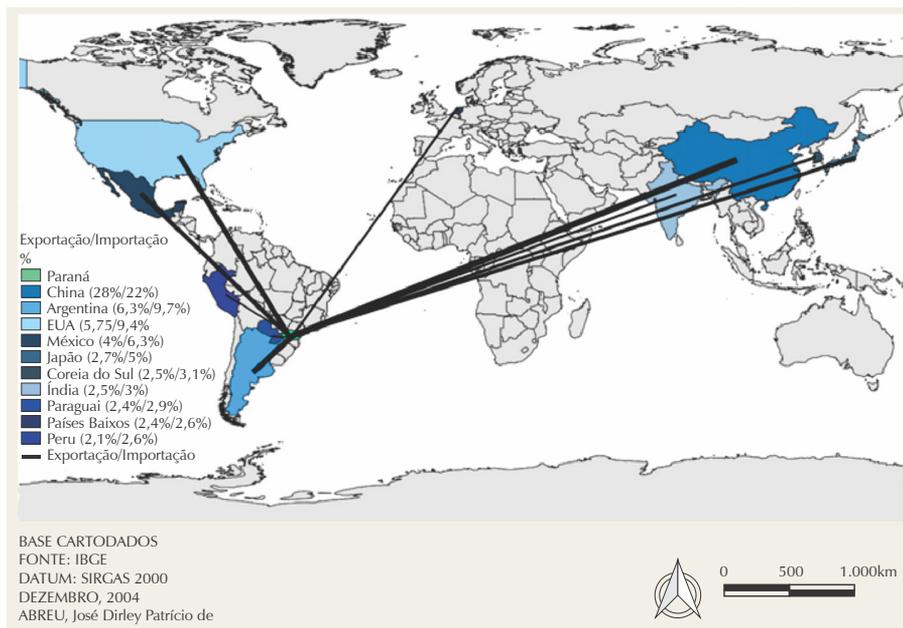
É possível observar o movimento decrescente na variável preço das importações entre o período 2002 e 2014, condicionado à taxa de câmbio. Quanto ao ano de 2022, a participação da exportação total do Paraná em relação ao Brasil ficou acima das importações, com percentual de 7,77% de exportações e 7,48% das importações (IPARDES, 2022).

Diante disso, é útil retomar o recente histórico da economia brasileira. Em fevereiro de 2006, houve a valorização do real, devido às políticas fiscais e monetárias adotadas neste período; assim, teve-se uma valorização nominal em relação ao dólar americano superior a 12% (MENEZES, 2010). Isso impactou indiretamente nas importações paranaenses (cf. Gráfico 6, por exemplo). Conforme afirmado por Mattei e Scaramuzzi (2016), entre 2007 e 2012 também ocorreu apreciação do real na escala nacional. Durante esse período, sem perder de vista à taxa de câmbio, as importações paranaenses apresentaram comportamento inverso ao câmbio. Isso significa que o aumento da taxa de câmbio implicou redução das importações, condição influenciada pela valorização do real na economia doméstica.

Além disso, testemunha-se nos últimos anos a intensificação do fenômeno da mundialização do capital, e isso impacta a economia brasileira e paranaense. Por exemplo, em termos monetários, em 2022, a balança comercial paranaense registrou o total de US\$ 3.636.289.960,00 nas exportações e US\$ 5.793.643.340,00 nas importações com a China (BRASIL, 2024). A Figura 3 exhibe os principais países que fazem parte da dinamização das parcerias comerciais, tanto nas exportações quanto nas importações, do Paraná<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Em um recorte espacial local, em 2022, 221 municípios paranaenses participaram da dinâmica das exportações, com destaque para Paranaguá, Curitiba, Maringá, Ponta Grossa e São José dos Pinhais (MDIC, 2024).

FIGURA 3 - PRINCIPAIS PAÍSES PARCEIROS COMERCIAIS DO PARANÁ EM 2022 (EM %)



FONTE: IBGE (2024)

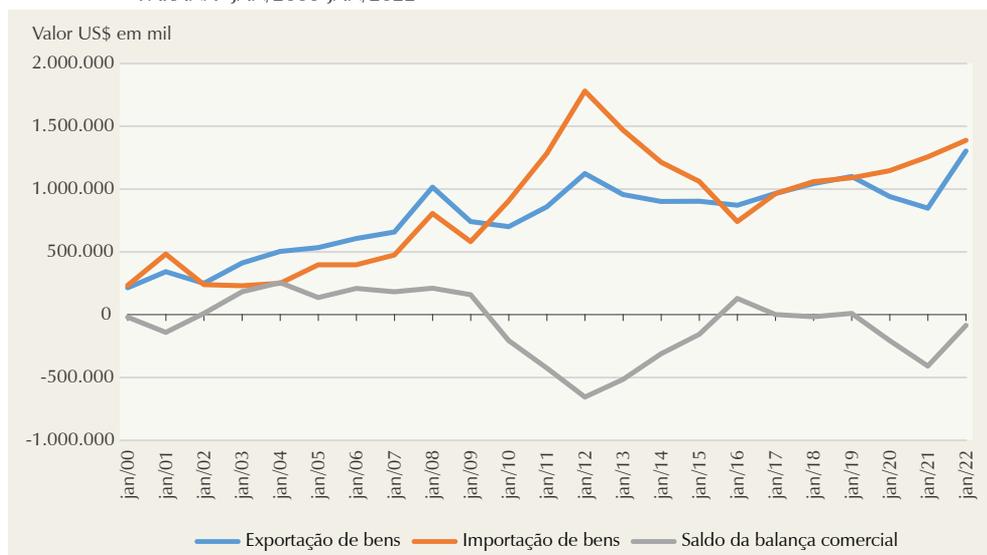
Consoante à Figura 3, na análise das influências das condicionantes entre os mercados internacionais, verifica-se participação significativa dos países situados nos continentes europeu, asiático e americano. Na Europa, destaca-se a Holanda; na Ásia, sobressai a China; enquanto, na América, tem-se a Argentina, o México, o Peru e o Paraguai. Dentre eles, o destaque cabe à China, que está no polo das exportações, representando 28% do total das exportações paranaenses. Quanto às importações (outro polo), a China responde por 22% do total das importações do Paraná. Com efeito, observa-se uma balança comercial superavitária.

Historicamente a balança comercial paranaense costumava registrar déficits, sendo que, entre 2000 e 2022, apresentou superávit em alguns anos. O Gráfico 8 exibe a série paranaense, apontando a dinâmica da exportação, importação e saldo da balança comercial entre os anos de 2000 (jan.) e 2022 (jan.), como indicador econômico da inserção na estrutura do capital mundial.

Depois de déficits no início da série, o Paraná passou a observar superávits comerciais a partir de 2002. Em 2008 o Paraná voltou a registrar déficit na balança comercial, teve leve recuperação no início de 2009, mas depois voltou a apresentar déficits comerciais. Convém enfatizar que essa redução de, aproximadamente, 20% no saldo da balança comercial entre 2008 e 2012, é concomitante ao terceiro ciclo da DIT, como visto na base teórica deste estudo. Essa queda no resultado da

balança comercial se intensificou diante do aprofundamento da liberalização comercial e da desregulamentação financeira no período, implicando a reformulação do papel do Estado, da revolução tecnológica e das novas organizações lideradas pelas corporações transnacionais.

GRÁFICO 8 - EXPORTAÇÃO DE BENS, IMPORTAÇÃO DE BENS E SALDO DA BALANÇA COMERCIAL DO PARANÁ - JAN/2000-JAN/2022



FONTE: Brasil (2024).

NOTAS: Os dados foram coletados na base de dados do Banco Central (Bacen) - 01/01/2000-01/01/2022. Elaboração dos autores.

Logo, em janeiro de 2013, marca-se a recuperação do saldo da balança comercial do Paraná em relação ao período anterior, atingindo seu ponto máximo em janeiro de 2016, quando a balança registrou um saldo positivo de US\$ 129.251.000 milhões. Esse momento coincide com a breve recuperação da balança comercial brasileira, bem como com a apreciação da taxa cambial e com a possibilidade de um possível quarto ciclo da DIT (como mencionado no referencial teórico). Esse superávit permaneceu na balança comercial regional do Paraná até janeiro de 2019. Entre janeiro de 2020 e 2021, devido à crise provocada pela pandemia da Covid-19, que gerou choques não apenas regionais, mas globais, a balança comercial voltou a ser deficitária. Mesmo em déficit, houve uma leve recuperação em janeiro de 2022, fechando em negativos US\$ 85.268.000,00 milhões.

Em síntese, compreende-se que a formação e transformação da estrutura da balança comercial paranaense, a partir de 2000, resultou também de mudanças políticas e econômicas. Ademais, são marcadas pela forte fragmentação observada no atual ciclo da DIT e pela ampliação das esferas da produção e comercialização

de mercadorias, tanto no espraiamento da produção no espaço geográfico quanto na redução do tempo da circulação do capital. A conexão para o comércio exterior por meio da balança comercial ocorre pelo fato de que se convertem em nós estratégicos para as redes globais e regionais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação teve como objetivo analisar as condições da balança comercial paranaense, por meio do comércio exterior, entre os anos de 2000 e 2022. No escopo da análise, a balança comercial paranaense e a inserção desta no mercado mundial são dinamizadas entre os circuitos de produção ou cadeias regionais de valor. Estas nascem em meados dos anos 1990, no contexto da DIT, tornando-se conceito analítico nas recentes literaturas postas.

Ressalta-se, no entanto, que essa dinâmica não é inteiramente nova, afinal, esse núcleo do capital tem sido característica proeminente desde o capitalismo comercial. Nesse período, impérios começaram a dividir o globo em busca de matérias-primas, e novos mercados para as exportações de produtos manufaturados, influenciados pelo uso do território como forma de interesse e acúmulo de capital.

Conforme os dados da balança comercial paranaense, verifica-se que a economia estadual funciona de maneira especializada e homogênea, na esteira das exportações brasileiras. Ao se examinar a composição da estrutura da produção estadual, parte significativa desta é destinada ao mercado internacional, evidenciando-se entre os principais produtos do circuito produtivo a soja, a carne de aves e suas miudezas (produtos classificados como intensivos na agropecuária – primários). Por outro lado, empiricamente, é discutível se esse dinamismo econômico implica ganhos qualitativos, como geração de empregos, elevação da renda ou aumento na arrecadação de imposto estadual.

Enfatiza-se, ainda, que o comércio exterior paranaense se apresenta como parte da totalidade da estrutura da economia e da geografia mundial, no sistema de ação do Estado e das empresas – sendo aferido por aquelas que fazem parte da interconexão da esfera da produção no e pelo espaço geográfico. Além disso, observam-se novas possibilidades de estudos futuros, como: a) a análise das principais políticas estaduais que visam estimular as exportações e as importações (incentivo fiscal, alíquotas, entre outras); b) o desvendar dos principais entraves que inibem as exportações paranaenses; e c) a investigação das forças políticas que perpassam a governança do Paraná e os efeitos no aumento substancial para as importações de mercadorias.

## REFERÊNCIAS

- BARTLETT, C. A.; GHOSHAL, S. **Managing across borders: the transnational solution**. Boston: Harvard Business School Press, 1998.
- BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Comexstat**, [s. l.], 2024. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- CONJUNTURA e perspectivas da economia mundial pós-pandemia - com Prof. Luciano Coutinho. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (2h 31 min 27 s). Publicado pelo canal Instituto de Economia da Unicamp. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/bRYXvquXLjc?si=1yBD2uk52gcsS0Pp>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- COUTINHO, L.; CASSIOLATO, J. E.; SILVA, A. L. G. **Telecomunicações, globalização e competitividade**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FAGNANI, E. O fim de um ciclo improvável (1988-2016): a política social dos governos petistas e a derrocada da cidadania pós-golpe. **Texto para Discussão**, Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, n. 308, 2017. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3537/TD308.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- FERREIRA, C. A. L.; MARQUES, E. D. S. Espaço e tempo como dimensões do conhecimento e objeto de ensino-aprendizagem em História. **Revista História Hoje**, São Paulo, n. 1, p. 227, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema de Contas Nacionais: Brasil 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101620\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101620_informativo.pdf). Acesso em: 08 fev. 2024.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Taxa de Câmbio. **ipeadata**, [s. l.], 2024. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=38590&module=M>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Desenvolvimento paranaense: contexto, tendências e desafios**. Curitiba: Iparades, 2022.
- LEITE, L. de M. Sobre as teorias do imperialismo contemporâneo: uma leitura crítica. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 507-534, 2014.
- LENIN, V. **Imperialismo, fase superior do capitalismo**. Tradução Paula Vaz de Almeida. Boitempo: São Paulo, 2021.
- LUZ, R. A. da; UMMUS, M. E. Geoprocessamento e análise regional. In: OLIVEIRA, N. M. de (org.). **Economia, planejamento e desenvolvimento regional**. Palmas: EDUFT, 2021.
- MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a Industrialização Brasileira. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas; Departamento de Geociências, v. 23, n. 1, 1999.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política – o processo de circulação do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MATTEI, L.; SCARAMUZZI, T. A taxa de câmbio como instrumento do desenvolvimento econômico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 36, n. 4 (145), p. 726-747, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/9nNysnDDfSvX8Cg6MZWqYzN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2023.

MENEZES, A. M. F. *et al.* **20 Anos da SECEX e 200 Anos de Comércio Exterior**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior-MDIC, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas/outras-estatistica-de-comercio-exterior>. Acesso em: 8 fev. 2024.

PAULANI, L. **Brasil Delivery**: servidão financeira e estado de emergência econômico. São Paulo: Boitempo, 2008.

POCHMANN, M. **Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho**. Campinas: IE/Unicamp, 2002.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2012.

PRONI, M. W. O império da concorrência: uma perspectiva histórica das origens e expansão do capitalismo. **R. Paran. Desenv.**, Curitiba, n. 92, p. 3-32, 1997.

RANGEL, I. **Obras reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, 1977.

SARTI, F; HIRATUKA, C. Desempenho recente da indústria brasileira no contexto de mudanças estruturais domésticas e globais. **Instituto de Economia da UNICAMP**: Texto para Discussão, São Paulo, n. 290, p. 3-4, 2017.

SCHAFF, A. **A sociedade informática**. São Paulo: Unesp; Brasiliense, 1993.

SILVA, R. H. R. Análise epistemológica das dissertações e teses defendidas no programa de pós-graduação em Educação Especial da Universidade de São Carlos: 1981-2002. **Polyphonia/Solta a voz**, Goiás, v. 17, n. 1, p. 85-88, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/bwqBF79gzbM9qjbbSyv4nzq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2023.

VALLE, R. M. G. del. **Tiempos críticos para el capitalismo global**: una perspectiva geoeconômica. Madrid: Revives, 2023.